

01 e 02 out

Coro e Orquestra Gulbenkian
Hannu Lintu

Oedipus Rex



GULBENKIAN
MÚSICA



Coro e Orquestra Gulbenkian

Hannu Lintu Maestro

Erika Baikoff Soprano

Victoria Karkacheva Meio-Soprano

Russell Thomas Tenor

Paul Gay Baixo-Barítono

Günther Groissböck Baixo

Francisco Cortes Tenor

Luís Mayer-Bento Barítono

João Reis Narrador

Claude Debussy

La Damselle élue

Victoria Karkacheva Meio-Soprano (Recitante)

Erika Baikoff Soprano (Donzela)

INTERVALO 20 MIN

Igor Stravinsky

Oedipus Rex

João Reis Narrador

Russell Thomas Tenor (Édipo)

Paul Gay Baixo-Barítono (Creonte)

Günther Groissböck Baixo (Tirésias)

Victoria Karkacheva Meio-Soprano (Jocasta)

Luís Mayer-Bento Barítono (Mensageiro)

Francisco Cortes Tenor (Pastor)

Elencos por ordem de entrada em cena

DURAÇÃO APROXIMADA 100 MIN

Claude Debussy

Saint-Germain-en-Laye, 1862 – Paris, 1918

La Damoiselle élue

Texto de Dante Gabriel Rossetti, traduzido por Gabriel Sarrazin

Composição 1887-88/1902 Duração c. 22 min

O afamado *Prix de Rome*, proveniente do reinado de Luís XIV, aberto a músicos desde 1803, era muito atrativo para os estudantes do Conservatório de Paris. Qualquer compositor francês (ou assim naturalizado) com menos de 30 anos podia concorrer, embora a combinação de requisitos restritivos com um júri conservador tenha levado a que vários compositores importantes dos séculos XIX e XX ficassem excluídos. Não foi o caso de Debussy, que embora inicialmente relutante, à terceira tentativa venceu com a obra *L'Enfant prodigue* (1884). A competição impunha compor uma cantata, ou cena dramática, para voz solista e orquestra, sobre um texto selecionado de um concurso de poesia. O prêmio consistia numa bolsa, com uma estadia de dois anos na Villa Medici, em Roma, mais um ou dois anos de viagem a um local opcional, geralmente na Alemanha. Apesar da atividade musical em Itália estar bastante mais concentrada em Milão e Nápoles do que em Roma, o objetivo era alargar os horizontes musicais dos premiados.

Debussy não apreciava Roma (já conhecia) e, portanto, a estadia foi difícil e não muito produtiva. No entanto, uma vez que tinha de escrever um “*envoi de Rome*”, uma obra artística para avaliação do júri, como parte das obrigações de bolseiro, aproveitou para explorar a música vocal dramática que viria a estar na origem da sua ópera *Pelléas et Mélisande* (1902). O envio obrigatório seria o poema lírico para solistas e coro feminino, *La Damoiselle élue* (“A Donzela Bem-Aventurada”), escrito em 1887-88, no final da duração da bolsa, já de regresso a Paris.

Debussy estava, na época, imbuído da corrente pré-rafaelita inglesa, em voga nos anos 80 e que influenciou a arte e literatura francesas. Por isso, a escolha do texto recaiu sobre uma tradução de Gabriel Sarrazin de um poema inglês de Dante Gabriel Rossetti (1828-1882), inspirado em Allan Poe, intitulado *The Blessed Damozel*, sobre uma jovem mulher que não

consegue apreciar o céu enquanto o seu amado ainda permanece na terra. O poema, como o quadro que o acompanha (Rossetti era também pintor e tinha este hábito interessante), combina um revivalismo medieval com sensualidade, de carácter simbolista e com foco num novo tipo de beleza feminina. Debussy ilustrou musicalmente este ambiente com uma música, segundo alguns críticos, de gosto delicado, audaciosa, e “*très sensuelle et décadante*” (“muito sensual e decadente”).

A conceção musical de Richard Wagner era, na altura, uma das grandes influências de Debussy e dos simbolistas, epitomando a sua procura por um sentido de alteridade frequentemente associado a evocações de assuntos mitológicos e imagens pseudo-medievais. Esta influência materializou-se em harmonias cromáticas, evanescentes e flutuantes, tonalidades veladas, melodia infinita e utilização de um sistema de *leitmotive*.

A obra inicia-se com um prelúdio, de grande sofisticação harmónica e tonal, que estabelece o ambiente e expõe alguns materiais temáticos, prenunciando *Pelléas*. O etéreo turbilhão dos céus é retratado por um tema que estabelece um círculo musical, um “encantamento circular”. O coro e a recitante (contralto solista) preparam a cena e o resto da obra é essencialmente um monólogo da protagonista, intercalado com intervenções ora do coro ora da recitante. A escrita vocal da *dame* é cândida e bastante modal, contrastando com as luxuriantes partes orquestrais. Uma referência a *Tristão e Isolda* é realizada com o tema do desejo, baseado num acorde diminuto e introduzido pela primeira frase, “*Je voudrais qu’il fût déjà près de moi*” (“Quem me dera que ele já estivesse junto de mim”).

O tema que remete para o amado é o mais simples e discreto e surge sempre que a donzela imagina o seu reencontro. Construído sobre um arpejo de sétima diminuta, o tema da Paz de Cristo surge três vezes, uma das quais no clímax da obra, e nas últimas palavras da protagonista: “*Tout ceci sera quand il viendra*” (“Tudo isto acontecerá quando ele vier”). “E calou-se. E apoiando o rosto entre as mãos, chorou”. Apenas a intervenção de Cristo lhe dará alguma paz.

Igor Stravinsky

Oranienbaum, 1882 – Nova Iorque, 1971

Oedipus Rex

Texto de Jean Cocteau, baseado na tragédia de Sófocles

Composição 1927/1948 Duração c. 55 min

Igor Stravinsky nasceu na Rússia imperial do Czar Alexandre III, no seio de uma família de músicos de origem polaca. Teve aulas de piano e teoria musical e estudou direito na Universidade de São Petersburgo, onde conheceu o seu mestre, Rimsky-Korsakov. Pouco tempo depois, estabeleceu um contacto e uma amizade que haveria de o marcar durante vários anos, com o empresário dos *Ballets Russes*, Sergei Diaghilev. Este encomendou-lhe vários bailados, entre os quais o disruptivo e vanguardista, *A Sagração da Primavera* (1913).

Com o advento da Primeira Guerra Mundial, a família estabeleceu-se na Suíça e Stravinsky preocupou-se então em construir uma memória das suas raízes, mergulhando nas várias coleções de histórias e poesia popular russas. Escolheu diluir diferenças entre regiões, sentindo-se atraído sobretudo por sequências de sílabas e de palavras, com cadências diversas, em vez de imagens ou metáforas. Criou assim uma espécie de dialeto *pan-russo*, bastante eclético.

Nos anos 20, estava um tanto desligado das suas raízes culturais, afastado da estética de Rimsky-Korsakov, atacando o nacionalismo do Grupo dos Cinco e defendendo a tendência cosmopolita de Glinka ou Tchaikovsky. O exílio, consumado definitivamente após a revolução bolchevique de 1917, representava, por opção ou por necessidade de sobrevivência, uma procura de novos princípios criativos. Stravinsky entrava então no período neoclássico e numa necessidade premente de escrever uma obra musical dramática de dimensões significativas. Expatriado, dividia-se na escolha da língua, até que, ao deparar-se com uma biografia de São Francisco de Assis, teve a ideia de usar uma língua especial, antiga, de algum modo santificada, ou “gravada em pedra”, para exprimir um assunto sublime. O tema seria a tragédia de Sófocles *Édipo-Rei*, com um enredo tão universal que dispensava muitas explicações e permitia uma maior concentração no elemento dramático-musical.

Pediu o libreto a Jean Cocteau, poeta, dramaturgo, encenador, que conhecia de Paris das temporadas pré-guerra dos *Ballets Russes*, e cuja recente adaptação de *Antígona* de Sófocles lhe tinha agradado. Transmitiu-lhe que não pretendia um drama com ação, mas antes uma “natureza morta”, como num quadro.

Oedipus Rex seria concebida como uma ópera-oratória para narrador, solistas, coro masculino e orquestra, e apresentada para celebrar os vinte anos de carreira de Diaghilev. A estreia foi em 1927, dirigida pelo compositor, no Teatro Sarah Bernhardt (onde os *Ballets Russes* também se apresentavam). A receção foi gélida, embora nomes como Poulenc ou Ravel, que assistiram, a tenham aclamado como a sua obra dramática mais poderosa. Embora as récitas encenadas em Viena e Berlim no ano seguinte tenham contribuído para mitigar o fracasso inicial, Stravinsky não as adorou, pois já tinha uma conceção operática prévia, com indicações cénicas na partitura e ideias muito específicas, como a posição do coro e dos solistas, a géstica, a utilização de máscaras e a iluminação. A classificação híbrida foi escolhida apenas para facilitar a sua execução em sala de concertos.

A história é tétrica: na cidade de Tebas assolada pela peste, Édipo procura o assassino de Laio, o rei anterior, desconhecendo que foi ele próprio que o matou e que o monarca era na verdade seu pai. Cumprindo-se a profecia do Oráculo de Delfos, desposa a viúva, a rainha Jocasta, sem saber que é a sua mãe, e perante o horror do parricídio e do incesto, arranca os próprios olhos, em desespero. Diaghilev apelidou a obra de “*cadeau macabre*” (“presente macabro”).

Oedipus Rex é de uma monumentalidade austera, deliberadamente artificial e estruturada como uma ópera barroca ou clássica, dividida em números. O narrador introduz a história, acentuando o carácter ritualístico do drama, e faz um comentário prévio, cena a cena, na língua local da audiência: “Estimado público, ouvireis agora uma versão latina do Édipo-Rei. A fim de vos poupar o desconforto de ouvidos e memória (...) tratarei de ir recordando a pouco e pouco o drama de Sófocles”. O coro, motor do destino, raramente canta melodias fluidas e move-se através de ritmos percussivos e homofónicos que mimetizam o pânico e a submissão do povo perante os deuses.

O texto latino é tratado como material fonético e rítmico, funcionando quase como um instrumento musical adicional. Stravinsky procura não dar expressividade dramática às palavras, acentuando sílabas que deveriam ser breves e repetindo palavras de forma obsessiva como “*Miserere, miserere*” ou “*Trivium, trivium*”.

O ritmo é um elemento essencial, destacando-se os ostinatos, em especial o que acompanha o coro “*Oedipus adest pestis*” com os tímpanos, harpa e piano, que transmite a sensação cronométrica do tempo que conduz ao inevitável destino do protagonista. A secção “*Mulier in vestibulo*”, que parece uma secção de alegria extemporânea, quase um *can-can*, é um exemplo de grande valia rítmica, uma histeria massiva musicalmente controlada. Stravinsky evoca referências como Händel, na ária florida e rítmica de Creonte, mas sobretudo Verdi, na ária dramática de Jocasta e no seu dueto com Édipo, que recordam *Aida* (1871). O rito ortodoxo russo é mencionado no “*Gloria!*” e na parte coral *a cappella* da cena do Mensageiro. A orquestração é deliberadamente sóbria, sem texturas sumptuosas nas cordas, privilegiando o som cortante e mecânico dos metais e das madeiras.

A integridade de Édipo é afirmada de forma quase caricata, num estilo ostensivo, perto da arrogância, com escalas ascendentes e descendentes, mas também notas repetidas, criando uma sensação de vacilação. Quando pretende convencer, Édipo repete frases meio-tom ou um tom acima. A harmonia é tendencialmente modal e são usados “polos tonais” associados a personagens, ideias ou situações. Mi bemol é a tonalidade associada ao heroísmo de Édipo, lá menor à tristeza do povo de Tebas, sol maior à revelação da verdade.

Oedipus Rex tem os seus alicerces numa simplicidade sonora e as personagens movem-se (mesmo sem ação cénica) quase hipnoticamente, dando a impressão de serem estátuas vivas. A ópera-oratória termina em catarse, perante a inevitabilidade da submissão a Deus e ao destino.

Hannu Lintu

O finlandês Hannu Lintu é o Maestro Titular da Orquestra Gulbenkian. Na temporada 2026/27 inicia funções como Diretor Musical da Sinfónica de Singapura e dá continuidade aos seus mandatos como Parceiro Artístico da Sinfónica de Lahti e Diretor Artístico do Festival Internacional Sibelius. Na presente temporada, dirige também a Sinfónica da Rádio Finlandesa, a Orquestra do Minnesota, a Filarmónica dos Países Baixos e estreia-se à frente da Orquestra do Tonhalle de Zurique e da Orquestra Nacional do Capitólio de Toulouse.

Nos últimos anos, dirigiu a Sinfónica de Chicago, a Filarmónica de Nova Iorque, a Filarmónica de Berlim, a Orquestra de Cleveland, a Sinfónica da Rádio da Baviera, a Orquestra Nacional da Radio France, a Sinfónica de Boston, a Sinfónica da Rádio Sueca, a Sinfónica da BBC, a Filarmónica de Londres, a Orquestra do Konzerthaus de Berlim e as Sinfónicas de Atlanta, St. Louis, Baltimore e Montreal, entre outras grandes orquestras.

Para além das grandes obras sinfónicas, dirige regularmente repertório de ópera. Neste domínio, os destaques recentes incluem *Oedipe* de Enesco, no Festival de Bregenz, *O Navio Fantasma* de Wagner, na Ópera de Paris, e *Pelléas et Mélisande* de Debussy, na Ópera Estadual da Baviera, bem como produções enquanto Maestro Titular da Ópera e Ballet Nacionais da Finlândia (2022-2026), incluindo *O Anel do Nibelungo* de Wagner, *Dialogues des Carmélites* de Poulenc, *Don Giovanni* de Mozart, *Turandot* de Puccini, *Salomé* de R. Strauss, *Billy Budd* de Britten, e uma versão encenada da *Messa da Requiem* de Verdi.

Hannu Lintu estudou violoncelo e piano na Academia Sibelius, em Helsínquia, instituição onde mais tarde se formou em direção de orquestra com Jorma Panula. Estudou também com Myung-Whun Chung na Accademia Musicale Chigiana, em Siena. Em 1994 venceu o Concurso Nórdico de Direção de Orquestra, em Bergen.

Erika Baikoff

Elogiada pela sua arte “seraficamente comovente” (*Bachtrack*) e pelo seu canto “luminoso e vibrante” (*Houston Chronicle*), Erika Baikoff está rapidamente a consolidar-se como uma das vozes líricas mais cativantes da sua geração.

Como membro da Ópera Estadual da Baviera, em 2025/26 estreou-se como Pamina (*A flauta mágica*) e Náíade (*Ariadne auf Naxos*). Retomou os papéis de Zerlina (*Don Giovanni*) e Gretel (*Hänsel und Gretel*), tendo também interpretado este último na Ópera de Oviedo. Realizou uma digressão na Europa, com La Cetra Barockorchester Basel, no papel de Ginevra (*Ariodante*). Em concerto, interpretou o *Requiem* de Mozart, com a Sinfónica da Rádio da Baviera, *Shéhérazade* de Ravel, com a Sinfónica da BBC, a 4.^a Sinfonia de Mahler, com a Filarmónica de Bremen, o *Stabat Mater* de Pergolesi, no Concertgebouw de Amesterdão, e *Um Requiem Alemão* de Brahms, com a Sinfónica de Navarra. Em recital, apresentou-se na *Schubertiade Schwarzenberg*, no Festival de Heidelberg, na *Schubertiada Villabertran*, no Konzerthaus de Viena, no Lincoln Center e no Wigmore Hall de Londres. Outros destaques recentes incluem as estreias no Theater an der Wien, na Grande Ópera de Houston (Zerlina), na Ópera de Palm Beach (*Os Contos de Hoffmann*) e concertos com a Filarmónica de Roterdão, a Sinfónica de Londres, a Sinfónica de Atlanta e a SWR Symphonieorchester.

Erika Baikoff diplomou-se pelo Metropolitan Opera's Lindemann Program e frequentou o Estúdio da Ópera Nacional de Lyon. Concluiu também uma licenciatura em Estudos Franceses pela Universidade de Princeton e um mestrado em música pela Guildhall School of Music and Drama. Recebeu primeiros prémios no concurso Helmut Deutsch Liedwettbewerb e no Concurso Internacional Nadia et Lili Boulanger. Desde 2025/26 integra o programa BBC New Generation Artist.

Victoria Karkacheva

Na temporada 2026/27, a meio-soprano russa Victoria Karkacheva estreia-se como Nérís, em *Médée* de Cherubini, na Metropolitan Opera, após a sua apresentação como Dorabella, em *Così fan tutte* de Mozart, no Festival de Salzburgo. Outros compromissos incluem Sonyetka, em *Lady Macbeth do Distrito de Mtsensk* de Chostakovitch, para a Ópera Nacional de Paris, Hanna, em *Noite de Maio* de Rimsky-Korsakov, para a Ópera Nacional de Lyon, e o regresso à Ópera Estadual da Baviera, como Polina, em *A Dama de Espadas* de Tchaikovsky.

Na temporada 2025/26 ficaram marcadas as suas estreias na Ópera Estadual de Viena e na Ópera Nacional de Paris, como Carmen. Outros destaques incluíram Venus, em *Tannhäuser* de Wagner, no Grand Théâtre de Genève, Nicklausse, em *Os Contos de Hoffmann* de Offenbach, na Ópera de Lyon, Marguerite, em *A Danação de Fausto* de Berlioz, no Théâtre des Champs-Élysées, Charlotte, em *Werther* de Massenet, na Canadian Opera Company, Maddalena, em *Rigoletto* de Verdi, na Philharmonie de Paris, e Judith, em *O Castelo do Barba Azul* de Bartók, em concerto com a Orquestra Gürzenich, em Colónia. Entre os seus trabalhos anteriores, destacam-se Charlotte, em *Werther*, no Teatro alla Scala, Olga, em *Eugene Onegin* de Tchaikovsky, e Judith, em *O Castelo do Barba Azul*, no Gran Teatre del Liceu e no Teatro Real de Madrid, além de uma série de aclamados papéis na Ópera Estadual da Baviera, incluindo Polina, em *A Dama de Espadas*, e Hélène, em *Guerra e Paz* de Prokofiev. Em concerto, apresentou-se com a Filarmónica de Berlim, dirigida por Kirill Petrenko em *Iolanta* de Tchaikovsky, e com a Filarmónica de Helsínquia, na Sinfonia n.º 3 de Mahler. Victoria Karkacheva recebeu o 1.º Prémio e o Prémio Birgit Nilsson no Operalia 2021 e o 1.º Prémio no Concurso Tenor Viñas 2020.

Russell Thomas

O tenor norte-americano Russell Thomas é um intérprete fundamental tanto do repertório lírico italiano como do dramático alemão. A sua capacidade de transitar com fluidez entre estas duas exigentes tradições é uma prova de domínio técnico, versatilidade estilística e inteligência dramática. Na temporada 2026/27, regressa a Covent Garden como Don José (*Carmen*), sob a direção de Sesto Quatrini, e à Ópera Lírica de Chicago no papel de Baco (*Ariadne auf Naxos*), com Oksana Lyniv. Em concerto, junta-se à Orquestra da Metropolitan Opera e a Yannick Nézet-Séguin para interpretar a Sinfonia n.º 8 de Mahler, no Carnegie Hall, e à Sinfónica de Londres e Simon Rattle para *The Gospel According to the Other Mary*, de John Adams, no Barbican Centre e em digressão europeia.

Nas últimas temporadas, expandiu significativamente a sua experiência com a adição de vários novos papéis importantes, incluindo o Imperador, em *A Mulher sem Sombra*, na Metropolitan Opera, sob a direção de Yannick Nézet-Séguin, o papel principal em *Tannhäuser*, na Grande Ópera de Houston, com Erik Nielsen, e Parsifal, no Festival de Viena, com Yi-Chen Lin. Já consagrado pelos seus papéis líricos, interpretou Canio (*I Pagliacci*), na Ópera Lírica de Chicago, Don José (*Carmen*), na Ópera Nacional de Paris, Cavaradossi (*Tosca*), na Royal Opera House, e Werther, para a Canadian Opera Company.

Formado pelo Programa Lindemann da Metropolitan Opera, Russell Thomas desempenhou muitos papéis nesse palco, incluindo Don Carlo, Rodolfo (*La bohème*) e Ismaele (*Nabucco*), e juntou-se à Orquestra do Met e a Yannick Nézet-Séguin, como Otello, na recente digressão europeia. Mantém também uma longa relação com a Ópera de Los Angeles, onde atuou como Otello, Radamès (*Aida*) e Calaf (*Turandot*) e cantou na estreia mundial de *Fire and Blue Sky* de Joel Thompson.

Paul Gay

O baixo-barítono francês Paul Gay construiu uma carreira internacional de destaque, sendo particularmente apreciado no repertório francês e em algumas das obras mais exigentes dos séculos XX e XXI. Condecorado *Chevalier de l'Ordre des Arts et des Lettres* e vencedor de um *Grammy*, apresentou-se em importantes casas de ópera, incluindo a Ópera Nacional de Paris, a Ópera Estadual da Baviera, o teatro La Monnaie, a Ópera de Frankfurt, a Ópera de Zurique, o Teatro Régio de Turim, a Ópera de Lyon e o *Maggio Musicale Fiorentino*.

Entre os papéis definidores da sua carreira, destacam-se: Golaud (*Pelléas et Mélisande* de Debussy), na Ópera Nacional de Paris, no La Monnaie, na Ópera de Frankfurt, na Ópera Nacional Norueguesa, no Grande Teatro de Xangai e na Ópera de Lyon; e Méphistophélès (*Faust* de Gounod) e Saint François (*Saint François d'Assise* de Messiaen), que interpretou na Bayerische Staatsoper, sob a orientação de Kent Nagano. Em abril de 2027, regressará ao Gran Teatre del Liceu de Barcelona, como Alberto Roc, em *The Exterminating Angel* de Thomas Adès, sob a direção do compositor.

Outros destaques de atuações recentes incluem: o papel principal de *Oedipe*, de Enesco, no Festival de Bregenz; uma nova produção de Andreas Kriegenburg dirigida por Hannu Lintu, com a Orquestra Sinfônica de Viena; Rocco, em *Fidelio* de Beethoven, na Ópera Nacional de Bordéus; e Alberto Roc, em *The Exterminating Angel*, na Ópera Nacional de Paris. O seu repertório inclui ainda papéis de óperas de Verdi, incluindo Filipe II, nas versões francesa e italiana de *Don Carlos*, bem como Ramfis, Sparafucile e Walter.

Günther Groissböck

Günther Groissböck cativa o público dos palcos de ópera e de concerto em todo o mundo com a nobreza do seu timbre vocal e o seu grande poder expressivo. Depois de estudar na Universidade de Música e Artes Performativas de Viena, o baixo austríaco integrou o elenco da Ópera Estadual de Viena em 2002/03, antes de se juntar ao elenco da Ópera de Zurique, ao qual esteve ligado de 2003 a 2007.

Estreou-se no Festival de Salzburgo em 2002, palco onde em 2014 celebrou a sua aclamada estreia no papel do Barão Ochs (*O Cavaleiro da Rosa*). Em 2011, estreou-se no Teatro alla Scala de Milão, bem como no Festival de Bayreuth, como Hermann (*Tannhäuser*). Desde então, tem sido presença assídua em Bayreuth, apresentando-se em papéis como Gurnemanz (*Parsifal*), Fasolt (*O Ouro do Reno*) e Pogner (*Os Mestres Cantores de Nuremberga*). Em 2021, aceitou um novo desafio artístico com a sua estreia no domínio da encenação, com a peça *Tristan Experiment*, no Theater an der Wien. Em 2023, seguiu-se com sucesso a sua encenação de *Don Carlo* para a Oper Klosterneuburg.

Mais recentemente, na Ópera Estadual de Viena, cantou Ochs (*O Cavaleiro da Rosa*), Heinrich (*Lohengrin*), Hermann (*Tannhäuser*), Sarastro (*A flauta mágica*), Orest (*Elektra*), Marke (*Tristão e Isolda*), Gurnemanz (*Parsifal*), Hunding (*A Valquíria*) e Hagen (*O Crepúsculo dos Deuses*).

João Reis

João Reis é um reconhecido ator português, nascido em Lisboa em 1965, com um percurso de mais de três décadas, marcado pela versatilidade, pelo rigor e por uma forte identidade artística. Formou-se no IFICT (Instituto de Formação e Investigação Teatral) no ano de 1989, com Ávila Costa, Adolfo Gutkin e Rogério de Carvalho, entre outros. Participou em vários workshops, promovidos e organizados pela Fundação Calouste Gulbenkian nos anos 90, entre eles os de Daniel Stein e Daniel Zerki. Trabalhou também com Polina Klimovitskaya e Lenard Petit.

No cinema, colaborou com realizadores como João Canijo, Manoel de Oliveira, Fernando Lopes, Rita Azevedo Gomes e Ruy Guerra. Na televisão, integrou diversas séries e novelas, afirmando uma presença igualmente reconhecida na ficção nacional. Paralelamente ao trabalho como ator, tem desenvolvido atividade enquanto encenador e colaborado regularmente em projetos ligados à música erudita, narração e teatro radiofónico.

Com uma presença cénica singular e uma carreira construída entre a exigência artística e a diversidade de linguagens, João Reis mantém-se como uma das figuras mais consistentes e distintas da representação em Portugal.

Francisco Cortes

Francisco O'Neill Cortes nasceu em Lisboa, em 1988. Iniciou os estudos musicais em 2000, no Conservatório da Orquestra Metropolitana de Lisboa, tendo estudado violino com Bogumila Burfin e Jeanne Antoniuk e piano com Alla Macarenko. Concluiu, em 2007, o oitavo grau de violino do Conservatório Nacional com 19 valores, tendo ainda obtido, pela ABRSM, o diploma DipABRSM de violino (2011) e o oitavo grau de piano (2012). Iniciou o seu percurso como tenor na Associação Musical Lisboa Cantat, onde integrou o Coro Sinfónico, em 2010, e o Coro de Câmara, em 2014.

Desde 2018, é membro do Coro Gulbenkian, com o qual tem trabalhado um repertório diversificado, do Renascimento à atualidade, de formações de câmara a grandes grupos sinfónicos. Integra o Ensemble São Tomás de Aquino desde 2019, tendo colaborado pontualmente com outros agrupamentos, entre os quais o Nova Era Vocal Ensemble e o Officium Ensemble. Estuda canto com a soprano Carla Simões, apresentando-se também como solista nos agrupamentos com os quais colabora. Integra o naipe de violinos da Orquestra Académica da Universidade de Lisboa desde a sua fundação.

É Mestre em Arquitetura Paisagista pelo ISA (2011) e, pelo ISEG, Licenciado em Gestão (2014) e Mestre em Economia Monetária e Financeira (2016). Paralelamente ao seu percurso musical, desenvolve uma carreira profissional na área da banca de investimento. Mantém ainda uma atividade extraprofissional ligada à agricultura e à observação e fotografia da natureza.

Luís Mayer-Bento

O barítono português Luís Mayer-Bento é natural de Lisboa, cidade onde iniciou os seus estudos musicais. É membro do Coro do Teatro Nacional de São Carlos, com o qual se apresenta regularmente. No domínio da ópera, interpretou Dottore Grenvil, em *La traviata* de Verdi, e Eneias, na ópera *Dido e Eneias* de Purcell. É tradutor de língua russa e inglesa.

Coro Gulbenkian

Fundado em 1964, o Coro Gulbenkian conta presentemente com uma formação sinfónica de cerca de cem cantores. Pode atuar em grupos vocais mais reduzidos, apresentando-se tanto *a cappella* como em colaboração com a Orquestra Gulbenkian ou com outros agrupamentos. No domínio da música contemporânea, tem apresentado, frequentemente em estreia absoluta, inúmeras obras de compositores portugueses e estrangeiros. Tem colaborado regularmente com prestigiadas orquestras, entre as quais a Philharmonia Orchestra de Londres, a Freiburger Barockorchester, a Orquestra do Século XVIII, a Filarmónica de Berlim, a Sinfónica de Baden-Baden, a Sinfónica de Viena, a Orquestra do Real Concertgebouw de Amesterdão, a Orquestra Nacional de Lyon ou a Orquestra de Paris. Participou em importantes festivais internacionais, tais como: Festival Eurotop (Amesterdão), Festival Veneto (Pádua e Verona), City of London Festival, Hong Kong Arts Festival, Festival Internacional de Música de Macau, ou Festival d'Aix-en-Provence.

A discografia do Coro Gulbenkian está representada nas editoras Philips, Archiv / Deutsche Grammophon, Erato, Cascavelle, Musifrance, FNAC Music e Aria Music, tendo registado um repertório diversificado, com particular incidência na música portuguesa dos séculos XVI a XX. Algumas destas gravações receberam prestigiados prémios internacionais. Entre 1969 e 2020, Michel Corboz foi o Maestro Titular do Coro Gulbenkian. Martina Batič é a atual Maestra Titular, Inês Tavares Lopes é Maestra Adjunta e Jorge Matta é consultor artístico.

SOPRANOS

Ariana Russo
Beatriz Ventura
Bianca Varela
Carina Matias Ferreira
Catarina Carvalho
Claire Rocha Santos
Clara Coelho
Filipa Passos
Isabel Cruz Fernandes
Lucília de Jesus
Maria João Sousa
Maria José Conceição
Mariana Moldão
Marisa Figueira
Sara Afonso
Susana Duarte
Teresa Duarte
Verónica Silva

CONTRALTOS

Ana Urbano
Beatriz Cebola
Estrela Martinho
Fátima Nunes
Joana Nascimento
Laura Lopes
Lucinda Gerhardt
Luísa Vaz Pinto
Madalena Barão
Manon Marques
Margarida Simas
Maria Bustorff
Markéta Chumová
Marta Queirós
Rita Tavares
Tânia Valente

TENORES

Aníbal Coutinho
Artur Afonso
Bruno Sales
Francisco Cortes
Gustavo Tecelão*
Hugo Martins
Jaime Bacharel
João Bacharel*
João Barbas*
João Barros
João Cipriano*
João Pedro Afonso
Lucas Thaumaturgo*
Miguel Carvalho
Miguel Líbano Monteiro*
Nuno Fonseca

Pedro Miguel
Pedro Rodrigues
Ross Buddie
Rui Aleixo
Rui Miranda
Vasco Maia e Moura*

BAIXOS

André Soares*
Diogo Gonçalves
Gonçalo Freitas
Henrique Coelho
Hugo Wever
João Costa
João Hörnig*
João Líbano Monteiro
João Luís Ferreira
José Chichorro*
Luís Mayer-Bento
Mário Almeida
Martim Líbano Monteiro
Miguel Jesus
Miguel La Feria
Nuno Rodrigues
Pedro Casanova
Pedro Morgado
Rodrigo Lins*
Rui Bôrras
Rui Gonçalo
Tiago Batista
Tiago Navarro
Tiago Saad*
Tomás Rodrigues*
Tomé Azevedo

* Coralista convidado

COORDENAÇÃO

António Lopes Gonçalves

PRODUÇÃO

Inês Rosário
Marta Ferreira de Andrade
Inês Nunes

Orquestra Gulbenkian

Em 1962, a Fundação Calouste Gulbenkian decidiu estabelecer um agrupamento orquestral permanente. No início constituído apenas por doze elementos, foi originalmente designado por Orquestra de Câmara Gulbenkian. Ao longo de mais de sessenta anos de atividade, a Orquestra Gulbenkian (denominação adotada desde 1971) foi sendo progressivamente alargada, contando hoje com um efetivo de cerca de sessenta instrumentistas, que pode ser expandido de acordo com as exigências de cada programa. Esta constituição permite à Orquestra Gulbenkian interpretar um amplo repertório, do Barroco até à música contemporânea. Obras pertencentes ao repertório corrente das grandes formações sinfónicas podem também ser interpretadas pela Orquestra Gulbenkian em versões mais próximas dos efetivos orquestrais para que foram originalmente pensadas.

Em cada temporada, a Orquestra Gulbenkian realiza uma série regular de concertos no Grande Auditório, em Lisboa, em cujo âmbito colabora com os maiores nomes do mundo da música, nomeadamente maestros e solistas. Atua também com regularidade noutros palcos nacionais, cumprindo desta forma uma significativa função descentralizadora. No plano internacional, a Orquestra Gulbenkian foi ampliando gradualmente a sua atividade, tendo efetuado digressões na Europa, na Ásia, em África e nas Américas. No plano discográfico, o nome da Orquestra Gulbenkian encontra-se associado às editoras Philips, Deutsche Grammophon, Hyperion, Teldec, Erato, Adès, Nimbus, Lyrinx, Naïve e Pentatone, entre outras, tendo esta sua atividade sido distinguida, desde muito cedo, com diversos prémios internacionais de grande prestígio. O finlandês Hannu Lintu é o Maestro Titular da Orquestra Gulbenkian.

PRIMEIROS VIOLINOS

Alexander Kagan Concertino*

Francisco Lima Santos

1.º Concertino Auxiliar

Maria Balbi 2.º Concertino Auxiliar

Vicente Sobral 2.º Concertino Auxiliar

Alla Javoronkova

Ana Beatriz Manzanilla

Elena Ryabova

Maria José Laginha

Otto da Casa de Pereira

Catarina Resende

Catarina Sá Duarte

João Castro*

Natália Ribeiro*

Inês Marques*

SEGUNDOS VIOLINOS

Anna Paliwoda 1.º Solista

Zachary Spontak 1.º Solista

Piotr Rachwał 2.º Solista

Jorge Teixeira 2.º Solista

Tera Shimizu

Stefan Schreiber

Maria Ramos

Ana Isabel Malheiro

Gonçalo Melo

Bernardo Barreira

Leonardo Guedes*

Maria João*

Ewa Michalska*

VIOLAS

Samuel Barsegian 1.º Solista

Lu Zheng 1.º Solista

João Tiago Dinis 2.º Solista

Nuno Soares

Sara Moreira

Andrew Shaw

Artemis Balkiz

Joana Silva

Micaela Miranda*

Íris Moreira*

VIOLONCELOS

Martin Henneken 1.º Solista

Raquel Reis 1.º Solista

Jeremy Lake 2.º Solista

Tiago Mirra*

Maria Nabeiro*

João Cunha*

Pedro Ribeiro*

Angela Escauriaz*

CONTRABAIXOS

Pedro Vares de Azevedo 1.º Solista

Domingos Ribeiro 1.º Solista

Manuel Rêgo 2.º Solista

Marine Triolet

Vanessa Lima

Luís Ferreira*

FLAUTAS

Cristina Ánchel 1.º Solista

Sónia Pais 1.º Solista

Amalia Tortajada 2.º Solista

Inês Pinto 2.º Solista*

OBOÉS

Pedro Ribeiro 1.º Solista

Nelson Alves 1.º Solista

Alice Caplow-Sparks

2.º Solista | Corne Inglês

José Pedro Costa 2.º Solista*

CLARINETES

Iva Barbosa 1.º Solista

Telmo Costa 1.º Solista

Tiago Maia 2.º Solista*

José María Mosqueda

2.º Solista | Clarinete Baixo

FAGOTES

Ricardo Ramos 1.º Solista

Vera Dias 1.º Solista

Raquel Saraiva

2.º Solista | Contrafagote

Joana Maia 2.º Solista*

TROMPAS

Duarte Moreira 1.º Solista

Pedro Fernandes 1.º Solista

Daniel Canas 1.º Solista*

Telma Gomes 1.º Solista*

Antonia Chandler 2.º Solista

TROMPETES

Carlos Leite 1.º Solista

Jorge Almeida 1.º Solista*

José Pedro Pereira 2.º Solista

Luís Granjo 2.º Solista*

Bruno Santos 2.º Solista*

TROMBONES

Sergi Miñana 1.º Solista

Rui Fernandes 2.º Solista

Thierry Redondo

2.º Solista | Trombone Baixo

Vitor Faria 2º Solista*

TUBAS

Amílcar Gameiro 1.º Solista

Elmano Pereira 1.º Solista*

TIMBALES

Rui Sul Gomes 1.º Solista

PERCUSSÃO

Abel Cardoso 2.º Solista

Vicente Simão 2.º Solista*

PIANO

Dana Radu 1.º Solista*

CELESTA

José Diogo 1.º Solista*

HARPAS

Beatriz Cortesão 1.º Solista*

Maria Vassalo Lourenço 2.º Solista*

COORDENAÇÃO

António Lopes Gonçalves

PRODUÇÃO

Américo Martins

Marta Ferreira de Andrade

Pedro Canhoto

Fábio Cachão

Inês Nunes

Programas e elencos sujeitos a alterações sem aviso prévio.

De acordo com o compromisso da Fundação Calouste Gulbenkian com a sustentabilidade, este programa foi impresso em papel produzido a partir de florestas plantadas com gestão sustentável.

Mecenas
Gulbenkian Música



Mecenas
EGO



Mecenas
Piano e Orquestra



Mecenas
Ciclo de Piano



A cultura mostra-nos o mundo. Fala-nos de nós próprios. Do que fomos e do que seremos. E ensina-nos a ser melhores. Como pessoas e como sociedade. É por isso que no BPI e na Fundação "la Caixa" estamos comprometidos a aproximá-la de todas as pessoas. Onde quer que estejam. Isto é acreditar na cultura. **Isto é crescer com a cultura.**

Apoiamos a cultura *para melhorar a sociedade*



Próximos concertos

Così fan tutte Met Opera

03 out
sábado 18:00 / Transmissão em direto

Concerto para Piano n.º 2 de Prokofiev

08 out	09 out
quinta 20:00	sexta 19:00

Dal:um

10 out
sábado 19:00

Beatrice Rana

11 out
domingo 18:00

Solistas da Orquestra Gulbenkian

12 out
segunda 20:00 / Entrada gratuita

Evite tossir.

A tosse perturba os músicos e o público.

Se precisar de tossir, procure abafar o som.

Se persistir, saia discretamente e regresse no final da obra ou do andamento.

Desligue o telemóvel.

O modo silencioso não impede alarmes

e um ecrã aceso é visível em toda a sala.

Não são permitidos registos de som ou imagem.

